



I Congresso Mundial em defesa da Educação pública e contra o neoliberalismo educacional

(26 e 27 de setembro de 2020)

A pandemia do Covid-19 gerou uma situação inédita de paralisia global programada, que revelou as profundas desigualdades do sistema, mas que também se transformou em uma oportunidade para o grande capital em seu objetivo de avançar numa redefinição de seus processos e dinâmicas, com elementos de maior exclusão e dominação. A onda de privatizações dos serviços básicos e de interesses social ocorridas nas últimas décadas, levaram os setores sociais mais empobrecidos e a classe trabalhadora fossem as mais afetados pela crise da pandemia.

A paralização em todos os setores geradas pela pandemia, se ligou com a crise econômica do capital que apareceu numa nova recessão econômica mundial. E nesse contexto vimos surgir governos neoconservadores com políticas de traço fascista como a de Trump ou Bolsonaro, que com suas políticas negacionistas de riscos para a saúde do Covid-19 levaram milhares de seres humanos aos hospitais e a morte. Muitos governos, seguindo o exemplo de Trump e Bolsonaro, privilegiaram os lucros sobre as vidas humanas. Isso deve ser enfrentado pelos povos e suas organizações sociais e sindicais no plano das ideias, da mobilização e da organização.

A atual conjuntura mundial é de crise profunda do sistema capitalista que o leva a colocar sobre as costas dos trabalhadores e das trabalhadoras os custos dessa situação. A pandemia do COVID-19 serviu de pretexto para avançar na agenda neoliberal da sociedade educadora, a qual se concretiza com novas formas de privatização na educação, associadas ao acesso a conexão com a internet e o uso de equipes para participar nas turmas virtuais.

O experimento da virtualidade em casa está sendo usada para colocar uma disputa que não existia em fevereiro de 2020, entre educação presencial na escola X educação virtual em casa. O capitalismo sabe que não pode suprimir de maneira impune e rápida as escolas, mas está criando um imaginário social sobre o caráter obsoleto da escola. Ele permitiu as corporações tecnológicas e de conteúdos educativos digitais ao “mercado educativo”, o qual está acompanhado de um desinvestimento sustentado na atualização e formação docente para contextos digitais com o atual.

Apesar disso, o magistério internacional assumiu por conta própria e com acompanhamento de seus grêmios, centros acadêmicos e sindicatos a tarefa de atualizar-se para enfrentar os desafios pedagógicos presentes. Nos educadores do mundo, somos um digno exemplo de compromisso com continuidade do direito a educação, em condições cada vez mais adversas, que garantimos de maneira real a sustentação do vínculo pedagógico com os e as estudantes.

Isso não oculta a emergência de novas formas de privatização, ao transferir as famílias, docentes e estudantes às responsabilidades dos Estados nacionais em garantir as condições mínimas para exercer o direito a educação. São agora as famílias, docentes e estudantes que devem comprar ou instalar computadores, pagar planos de dados para o acesso a internet e inclusive adquirir plataformas privadas para poder dar aulas virtuais. Esta privatização está sendo ocultada como uma estrondosa cortina de fumaça midiática dos governos que falam do suposto êxito educativo na pandemia, com frases oportunistas sobre a mística docente.

Os docentes foram submetidos a sobrecarga em seus horários e tarefas, isolados em suas casas, resolvendo por sua conta a continuidade da atividade educativa. Isto está feito pelo magistério mundial com o mínimo ou nenhum reconhecimento dos governos.

Em poucos meses, milhões de estudantes no mundo formal expulsos dos sistemas educativos. A proposta da educação virtual, híbrida e multimodal encontrou milhões de meninos, meninas e jovens sem possibilidades reais de continuar seus estudos. Não são eles, os jovens e as jovens, as crianças que estão deixando os estudos, é o sistema capitalista que estão deixando fora, ao romper o papel de permitir condições de igualdade de aprendizagem atribuído a escola.

Alguns governos de maneira irresponsável convocaram um retorno as aulas em meio ao ascenso da contaminação, sem que ainda se conte com uma vacina e sem as adequadas condições de biossegurança, questão que expressa com clareza que suas maiores

preocupações estão em reativar a economia capitalista em crise, ao custo da segurança e vida de crianças e dos trabalhadores da educação.

Enquanto o capital hoje defende a escola como berçário e local para transmitir conhecimentos funcionais ao seu modo de produção, nós defendemos a escola de pensamento crítico, da solidariedade, do encontro humano, do vínculo como a transformação social.

A atual crise ratifica velhas certezas ao mesmo tempo propõe novos desafios. A certeza segundo a qual a experiência educativa inegavelmente se sustenta numa atividade presencial recuperou a valorização do exercício docente, tão maltratado pela mercantilização educacional neoliberal. Com tudo isso, o retorno a escola e ao ensino presencial não pode ser aquela realidade naturalizada de desigualdades, expressadas antes de março de 2020, e trágicas durante a pandemia.

O desafio que enfrenta a geração de trabalhadores e trabalhadoras da educação no presente é ainda maior: trata-se de pensar e construir respostas, não somente para a conjuntura, mas desde o atual momento de resistências se possa traçar um horizonte estratégico, que passa inegavelmente pela construção de alternativas pedagógicas que sustentam uma nova escola.

Assumir de maneira mais consistente e responsável esse desafio, supõe ir para além das fronteiras nacionais, pois o que está em jogo é precisamente a superação da crise de um modelo globalizado de educação neoliberal.

Com esse propósito e o reconhecimento da solidariedade e a confiança de quem lutamos na defesa de educação pública, viemos construindo um espaço internacional de encontro, de caráter aberto, horizontal, plural e inclusivo que denominamos “Grupo de Contato Internacional” (GCI), para assim continuarmos pensando juntos nestes e outros desafios educacionais.

Desde o “Grupo de Contato Internacional” apresentamos durante esses cinco meses de pandemia debates, reflexões, análises com relação as características da atual ofensiva do capital contra a educação e concluímos sobre a urgência de convocar o **“I Congresso Mundial em Defesa da Educação Pública e contra o neoliberalismo educacional”**.

Este I Congresso Mundial de Educação 2020, que se realizará por meio virtual, busca enfrentar o neoliberalismo em todas as suas formas e expressões, e avançarmos no estabelecimento de um **Coordenadoria Internacional d@s Trabalhador@s da Educação (CITE)**, como espaço permanente de diálogo, encontro e organizações de lutadores na defesa da educação pública

e contra o neoliberalismo educacional. Convidamos todas as organizações, grêmios, centros acadêmicos, sindicatos, movimentos sociais e personalidades que convirjam nessas ideias, a se somar aos debates e deliberações que estaremos desenvolvendo de 26 a 27 de setembro de 2020.

Assinam a convocatória

Mercedes Martínez (Federación de Maestros y Maestras de Puerto Rico, FMPR), **Pedro Hernández** (CNTE, México), **Luis Bonilla-Molina** (Centro Internacional de Investigaciones Otras Voces en Educación), **Alfredo Velásquez** (SUTEP, Perú), **Laura Isabel Vargas** (UNE, Ecuador), **Fernando Abrego** (ASOPROF, Panamá), **David Lobão** (SINASEFE, Brasil), **Eduardo González** (MUD, Chile), **Luis Tiscornia** (CONADU-H, Argentina), **Denis Solís** (APSE, Costa Rica), **Eblin Farage** (ANDES, Brasil), **Jurjo Torres Santomé** (A Coruña, España), **Marc Casanova** (USTEC, España), **Vladimir Laura** (CONMERB, Bolivia), **Fernando Lázaro** (CEIP-H, Argentina), **Julieta Kusnir** (EEUU), **Nelva Reyes** (CGTP, Panamá), **Luis Bueno** (CNSUESIC, México), **Eliana Laport** (FeNaPes, Uruguay), **Sebastián Henríquez** (SUTE, Mendoza, Argentina), **Yesid González** (La Roja, Colombia), **Claudia Baigorria** (CONADU-H, Argentina), **José Cambra** (ASOPROF, Panamá), **Richard Araujo** (APEOESP, Brasil), **Luz Palomino** (CII-OVE), **Ángel Rodríguez** (APPU, Puerto Rico), **Carolina Jiménez** (UN, Colombia), **Cássio Sindserv Santos** (Rede Pública Municipal, Brasil), **Daniel Libreros** (CADTM, Colombia), **Diógenes Sánchez** (Coalición Panameña por la Defensa del derecho a la Educación), **Edgar Isch** (Académico, Ecuador), **Fernando Gómez** (Rosario, Argentina), **Hugo Aboites** (Académico, México), **Laura García Tuñón** (ENDYEP, Argentina), **Luis Sánchez** (AEVE, Panamá), **Marco Raúl Mejía** (Planeta Paz, Colombia), **Mauro Jarquín** (Investigador, México), **Rosa Cañadel** (Cataluña, España), **Sandra Lario** (Colectivos de Educadores populares del Sur, Argentina), **Rosemary Hernández** (FOVEDE, Venezuela), **Toninho Alves** (FASUBRA, Brasil), **Verónica del Cid** (Red Mesoamericana Alforja), **Lev Velásquez** (profesor, equipo de la CNTE, Sección XVIII, México), **(Zuleika Matamoros** (Movimiento Pedagógico de Base, Venezuela), **Estela Gramajo** (Intergremial de Formación Docente, Uruguay), **Jorge Adaro** (Ademys, Argentina), **Mariano Isla** (Asociación de Pedagogos de Cuba), **Albert Sansano** (Foro Mundial de educación del Foro Social Mundial), **Sheila Ceccon** (FME /Foro Social Mundial), **Albert Croce** (Argentina), **Sirle Marciel** (Consejo de Directores de SINTEPS, Sao Paulo, Brasil), **Vicent Mauri** (Intersindical de Valencia, España), **Leopoldo Muñera** (MANPUP, Colombia), **Andrés Felipe Mora** (MANPUP, Colombia), **Richard L** (SEPE, Rio de Janeiro, Brasil), **Daniel Jorge** (FERC CGT, Francia), **Ezequiel Alfieri** (Educador popular, Argentina), **Teresa Garduño Rubio** (Pedagoga y Educadora Popular, México), **Angela Zambrano** (Profesora universitaria, Ecuador), **Lourdes Velásquez de Urbáez** (Sociedad Venezolana de Educación Comparada), **César Valdovinos** (CINPECER, México), **Miguel Ángel Hernández** (SITIEMS, México), **Raúl Gil** (Uruguay), **Claudio Katz** (Economista y profesor universitario, Argentina), **Eric Toussaint** (Comité Mundial por la Abolición de las Deudas Externas, Bélgica), **Tim Anderson** (Profesor Universitario, Australia), **Luis Hernández Navarro** (periodista, México), **Orlando García** (ASOMOGRERP, Panamá), **Allen Cordero** (Profesor Universitario, Costa Rica), ... seguem assinaturas

Para maiores informações podem escrever para:
congresomundialdeeducacion2020@gmail.com

